

A ÁGUA COMO UM VIR A SER OU ESTAR SENDO

STELA SOARES KUBIAKI¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – stela.kubiaki@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão é parte de minha pesquisa em desenvolvimento, vinculada ao Projeto de Pesquisa: Estudos sobre a profundidade, coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. O projeto pretende uma investigação no campo da arte através do termo profundidade, suas visualidades e possibilidades de construção de sentido para além do termo usual. Por esse viés, apresentarei dois trabalhos de minha produção que me direcionam a pensar o uso da água como elemento poético-visual, me questionando sobre como ela pode ser colocada plasticamente, e de que forma pode me mobilizar a pensar a profundidade.

O primeiro trabalho, *Infiltrada* (2018), foi realizado no ateliê de escultura, sendo uma parede baixa construída com tijolos de argila e de gelo intercalados entre si. O segundo, *Desaguar* (2018), partiu de um objeto para o corpo, que distendesse seu sentido de uso e percepção, tornando-se uma fotografia. Tomando essa como uma pesquisa em poéticas visuais, a partir desses trabalhos penso haver um diálogo com os filmes *Nostalgia* (1983) e *O Espelho* (1975), ambos de Andrei Tarkovski, bem como com o trabalho *Elemento desaparecendo/Elemento desaparecido* (2002), do artista visual Cildo Meireles.

Em seu livro *Esculpir o Tempo*, Andrei Tarkovski diz que “é claro que a chuva pode ser encarada apenas como mau tempo, muito embora eu a utilize com a finalidade de criar um cenário estético particular” (TARKOVSKI, 2002). Já o artista Cildo Meireles, em seu trabalho *Elemento desaparecendo/Elemento desaparecido* mostra uma outra maneira de inserir a água no contexto da arte. Cildo Meireles monta toda uma indústria que comercializa picolés de gelo para a XI Documenta de Kassel. O artista comenta para a Folha de São Paulo, que “a proposta é trabalhar com a ideia de dissolução”. Por essas duas formas de incorporar a água no contexto artístico, busco estabelecer uma aproximação entre o elemento água, a arte política e a duração do trabalho no tempo e no espaço. Através do derretimento do gelo e da água em transição, estabeleço relações com a profundidade.

2. METODOLOGIA

No livro *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche (2009) constrói um diálogo com os monstros interiores quando diz que “quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”. Todo o processo de uma produção é, para mim, esse olhar para um lugar desconhecido e construir um corpo novo que, de alguma forma, reflete um pouco de si mesmo. É um encontro, onde a palavra vai deixando o contato mais estreito, eu volto para o trabalho e depois para mim.

Desse modo, a pesquisa foi realizada pensando dois trabalhos de minha produção e seus possíveis diálogos com as obras já citadas. A construção desta pesquisa leva em consideração o processo realizado e a investigação que dele se coloca, dos trabalhos executados nas reflexões em torno da água enquanto elemento poético e das possibilidades de explorá-la de diferentes formas,

considerando desdobramentos possíveis que orientam um pensamento sobre a profundidade.

Voltando para Nietzsche, no trânsito entre o que se olha, e a possibilidade do retorno desse olhar, me proponho a desenvolver essa pesquisa que tem como intuito fazer esse movimento através de uma perspectiva de fluidez, investigando possibilidades de encontro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Infiltrada é um trabalho construído por tijolos de argila e tijolos de gelo intercalados. Eu quis manipular somente a forma desses elementos, sem mascarar suas propriedades, deixando à mostra os componentes. Tendo em vista esse desejo, achei interessante criar tijolos de gelo, me apropriando do tijolo forjado pelo calor e construindo esse outro pelo frio.

No trabalho de Cildo Meireles, *Elemento desaparecendo/Elemento desaparecido*, o gelo é incorporado como um material que possui a característica de colocar em evidência esse desfazimento, de modo que o trabalho ganha uma grande potência durante a passagem do sólido para o líquido. Trabalho enquanto tempo de duração, existência e consumo.

Embora possuísse um elemento performático, punha ênfase grande no objeto sólido que oferecia ao consumo; era justamente esse objeto, contudo, que gradualmente desaparecia para que a inscrição se tornasse visível e o trabalho completasse diante dos olhos de quem consumia. (DOS ANJOS, 2004. p. 74)

Elemento desaparecendo/Elemento desaparecido era constituído por uma instalação temporária de uma fábrica de picolés, para a XI Documenta de Kassel, e da venda de sua produção em carrinhos que circularam nos espaços públicos próximos à mostra. Feitos de água, à medida que eram consumidos ou derretiam, iam deixando à vista a inscrição “elemento desaparecendo”. Quando totalmente consumidos, uma segunda inscrição aparecia no palito: “elemento desaparecido”. Em uma das suas possibilidades, o trabalho alerta para pensar a questão dos valores atribuídos ao consumo, inserindo uma discussão em torno destes valores no contexto da indústria, da arte e da ecologia.

Em *Infiltrada* há também uma questão política que está colocada na analogia do feminino como água, pelo próprio título, e em mostrar o que está escondido e é revelado pela infiltração. Como os tijolos de gelo derretem, a água que penetra nos tijolos de argila vai sendo incorporada deixando marcas, ao mesmo tempo que desfaz o equilíbrio que sustenta a parede. *Infiltrada* é, portanto, um pensamento sobre a estratégia de se colocar em um lugar e transformá-lo de dentro para fora.

A partir dessa discussão, percebo que posso estabelecer uma conexão pela ideia de dissolução da forma, enquanto potência política. Cildo Meireles comenta que gosta de trabalhar com “materiais que tenham uma ambiguidade intrínseca, que sejam símbolo e matéria-prima ao mesmo tempo” (MEIRELES, 2002). Considerando a montagem de *Infiltrada* em Pelotas, cidade extremamente úmida, os tijolos de gelo tratam também do interior das casas, simbolicamente das coisas escondidas. A memória que os materiais trazem me interessa, sobretudo sua aparência - optando assim (quando na argila) pelos tijolos de demolição, marcados e sujos. A construção do trabalho colocado ao lado de uma parede lisa e pintada, é importante para pensar esse interior, aquilo que fica dentro e aparece pela infiltração. Coloco uma ao lado da outra como um diálogo, um convite a pensar essa proximidade e convivência entre o dentro e o fora, o aparente e o escondido.



Figura 1 - *Infiltrada*, 2018. Primeira montagem. Parede construída por tijolos de argila e tijolos de gelo 50x60x6,5cm.



Figura 2 - *Infiltrada*, 2018. Primeira montagem. Parede desfeita pela ação dos tijolos de gelo derretendo.

Desaguar (Figura 4) partiu da questão: Como eu posso não estar em mim? Esse convívio direto e irrecusável de mim mesma queria ser testado. Esse foi o princípio para pensar um objeto para o corpo que pudesse transformar um movimento ou dois, capaz de me colocar em outro lugar. Começando pelo corpo e voltando para ele. Uma queda lenta frente às sensações desconhecidas, onde o meu corpo se inclina diante de um peso alterado pelo uso do objeto.



Figura 3 – *Hábito*, 2018.

O objeto, intitulado *Hábito* (Figura 3), foi construído com uma série de tecidos em lycra, pedras e enchimento sintético. A ideia é ser ativado pelo uso, quando o sujeito ao colocá-lo, tenta sustentar o próprio corpo e o peso do objeto sobre a cabeça, podendo alterar a percepção de si. Partindo dele fiz *Desaguar*, uma fotografia digital composta por três tempos da imagem. Esta imagem explora o sentido de profundidade por uma construção tripla, onde a memória do movimento é capturada em sequência, sobrepondo-o. Penso essa fotografia como a menção a um movimento de desague em que a postura do corpo com a cabeça à frente desfaz o olhar. Desse modo, considero um diálogo com uma cena do filme *O Espelho* (Figura 4) de Tarkovski, em que a protagonista lava os cabelos numa bacia com a cabeça baixa, e em seguida ergue-se, tornando possível a percepção de um corpo revisado. Na produção cinematográfica de *O Espelho* e de *Nostalgia*, Tarkovski se utiliza muito de um tempo ativo como um mergulho na atmosfera alagadiça de suas cenas. Em suas palavras:

Uma vez que na tela esta cena aparece em câmera lenta, obtém-se um efeito de alargamento da estrutura temporal — estamos levando o espectador a mergulhar no estado de espírito da protagonista, estamos retardando aquele momento, acentuando-o. (TARKOVSKI, 2002. p. 129)

Além dessa construção de um tempo distendido, Tarkovski utiliza muitos componentes naturais na produção das imagens, sendo a água é um dos mais recorrentes. Em momento de catarse ou da própria nostalgia, as cenas são

inundadas pela chuva. Aproximo *Desaguar* com a cena de *O Espelho*, pela ocorrência de uma postura no corpo da mulher, que ressoa. A cena (Figura 5) pode ser descrita como uma atmosfera entre a realidade e o sonho, construída cuidadosamente em torno da figura feminina conectada a esse ambiente. Nesse sentido, a profundidade de um tempo distendido, acompanha a visualidade da construção das imagens (Figura 4 e Figura 5), que tem a água como ponto de discussão. Seja, na fisicalidade do elemento água, ou no movimento de um corpo que pode evocar um desaguar por um certo peso, uma certa postura.



Figura 4 – *Desaguar*, 2018. Imagem digital sobreposta.



Figura 5 – Imagem do filme *O Espelho* de Andrei Tarkovski, 1975

4. CONCLUSÕES

A partir dos artistas mencionados, é possível pensar a água como um elemento que trás consigo uma série de características plásticas. Entre elas, a maleabilidade de trabalhar com o tempo e o espaço por sua qualidade de mudança de estado. Cildo Meireles com o gelo, Tarkovski com a chuva e as inundações, me instigam ao pensamento de um *vir a ser* ou estar sendo e na força do desfazimento e da efemeridade. Há uma identidade em fluxo aí que se apresenta pela fluidez da água que desfaz contornos entre si e o espaço, se autoconduz e se transforma por um movimento que segue em curso. Como componente líquido ou sólido ou como menção de movimento de desaguar, esse trânsito permite desdobramentos contínuos que alargam plasticamente o conceito de profundidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOS ANJOS, Moacir. **A Indústria e a Poesia**. Rio de Janeiro, 2004. Acessado em 29 de Agosto de 2018. Online. Disponível em: https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae11_moacir_dos_anjos.pdf
- FERNANDES, João (org). **Cildo Meireles**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.